

O DESPERTAR DA CRITICIDADE POR MEIO DA LEITURA DO JORNAL

Lourdes Alice França Antoniassi¹

Lídia Maria Gonçalves²

RESUMO

Este artigo científico apresenta as várias etapas da experiência vivenciada por meio da leitura de jornais no primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado, localizado em Apucarana-PR. O objetivo principal desse projeto pedagógico é a formação de leitores. A escolha do jornal como suporte para o trabalho com a Língua Portuguesa dá-se pela variedade de gêneros que o compõe. A aplicação dessa proposta de trabalho instigou o aluno a fazer leituras críticas. Como foco da seqüência didática desenvolvida junto aos alunos, elegemos o primeiro caderno do jornal, mais precisamente a capa e opinião. Como embasamento teórico para fundamentar nossa pesquisa-ação, recorreremos às Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, assim como outras fontes bibliográficas pertinentes a área da Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa. No ambiente escolar objetivamos percorrer os caminhos para alcançar a meta de formação de leitores críticos, cidadãos que saibam refletir, debater, posicionar-se diante dos fatos publicados no jornal. O objetivo desse texto é divulgar esse processo e seus resultados.

Palavras-chave: Leitura; Jomal; Ensino Médio

ABSTRACT

This scientific article presents stages of the experience through the reading of newspapers in the first grade of high school at Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado, a school located in Apucarana/Pr. The main objective of this project is the training of readers. The choice of the newspaper as a support for the work with the Portuguese Language is made through a variety of sort that is in it. The implementation of this proposal of work instigated the students to make a critical reading. As the center of attention of the didatica sequence with the students we elected the first page

¹ Professora de Língua Portuguesa da rede Estadual de Educação do Paraná

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina, orientadora

of the newspaper more precisely the cover of the newspaper and the opinion's page. As a theoretical base to support our research, we used the Curriculum Guidelines of the state of Paraná, and others bibliographical sources in the area of Linguistics in the teaching of the Portuguese Language. In the school environment, our objective was going through the ways to reach the goal of training critical readers, people who can reflect, to have a posture ahead of the facts published in the newspaper. The aim of this text is to divulge this process and its results.

KEY WORDS: Reading ; Newspaper ; High School

O PONTO DE PARTIDA PARA UM TRABALHO DIFERENCIADO DE LEITURA

O Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação, no ano de 2007, nos proporcionou aos professores envolvidos no PDE um tempo especial para estudos e reflexões de nossas práticas pedagógicas, o que se constituiu em importante estratégia metodológica de implementação e consolidação das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica. Como parceiros nessa primeira experiência de Formação Continuada, tivemos as Instituições de Ensino Superior (IES), no caso do nosso grupo, como orientadora contamos com a Prof^a Dr^a Lídia Maria Gonçalves, do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A professora universitária coordena projetos extensionistas voltados à leitura de Jornal; um deles é voltado às séries iniciais da Educação Básica e o outro é destinado ao Ensino Médio. Dessa forma, ligados ao projeto “Formação de Leitores: O jornal no Ensino Médio”, o grupo de seis orientandos – PDE produziram seis sub-projetos de formação de leitores por meio de jornais em turmas nas quais atuam no Ensino Médio. Nós refletíamos sobre as insuficiências dos estudantes do nível médio na utilização da língua padrão, tanto na modalidade falada como na escrita. Após muitas leituras e reflexões, concluímos que a leitura é o caminho para conseguirmos uma maior interação do indivíduo – aluno com o seu mundo, quer no ambiente escolar

como além dos muros da escola. Considerando que “a leitura do mundo procede a leitura da palavra” (FREIRE, 1981, p. 11), optamos por valorizar mais a leitura do mundo no ambiente escolar.

Assim, reforçamos os estudos teóricos para embasar a nossa prática nessa atuação no referido projeto de extensão universitária da UEL, para o qual colaboramos na qualidade de cidadãos voluntários e enquanto professores do PDE.

Este trabalho com o jornal em sala de aula, especificamente em seis subprojetos, concentrou-se em formar leitores, isto é, seres humanos pensantes e participantes das questões de interesse público. Para alcançar tal fim, levamos nossos alunos a detectar nas páginas dos jornais os recursos argumentativos e perceberem os artifícios ideológicos que revelam a posição do autor do texto divulgado pelo jornal frente ao assunto em pauta naquele texto.

Para chegarmos a um lugar, precisamos ter um norte. Portanto, para concretizarmos este projeto no cotidiano escolar, durante o ano de 2007, fez-se necessário um longo período de estudos teóricos, base para para preparamos a Proposta de Intervenção nas escolas em que atuávamos, prevista para o ano de 2008. Porém, desde o início desse período já tínhamos uma meta a cumprir (formar leitores) e um instrumento para chegar até lá (o jornal em sala de aula). Essa bússola nos conduziu.

A proposta seria que cada professor PDE, com o acompanhamento de seu orientador e a colaboração dos Grupos de Trabalho em Rede, produzisse um material de apoio para o trabalho com os alunos. E, foi o que ocorreu. Priorizando a leitura do jornal e focando um caderno específico, cada professor PDE desse grupo norteou o seu trabalho, embasado em toda bibliografia utilizada nos estudos e encontros de Orientação. A bibliografia orientou nosso caminhar, representou o nosso mapa.

Por meio do Projeto Específico: “Primeiro Caderno: Capa e Opinião nas Páginas do Jornal”, um dos subprojetos do projeto extensionista, buscamos provocar a descoberta do conteúdo, questionar sentidos e significados, possibilitando reconhecer a ideologia expressa em cada texto lido no jornal. Nessa prática essencialmente crítica, o aluno foi interagindo

com o emissor (texto jornalístico), concretizando assim, o Ensino Interacionista, que é o foco do projeto “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio”.

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Uma questão relevante nesse artigo é a grande dificuldade que, em geral, nós – professores encontramos no trabalho com a leitura. “Os alunos não gostam de ler”, é a reclamação comum entre profissionais da área. E, uma questão recorrente é: Como trabalhar as deficiências do ensino da Língua Portuguesa no nível fundamental, demonstrada por estudantes de nível médio, na utilização da língua falada ou escrita? Para chegarmos a uma resposta a esta problemática cabem muitas reflexões. Primeiramente: Qual é o conceito que temos de leitura? O que é ser leitor? Quais estratégias de leitura temos usado em sala de aula?

As Diretrizes Curriculares do Estado (DCE) entendem a leitura como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre o texto e o leitor. Mas, se fôssemos avaliar os livros didáticos, como instrumentos de leitura, é possível que alguns apresentassem ainda uma prática pobre, baseada apenas na decodificação. Infelizmente são raros os exercícios automáticos de identificação, onde o leitor só precisa “olhar” o texto e decodificar perguntas e respostas. A interação entre texto e leitor amplia-se um pouco em algumas questões, quando o aluno deve apresentar a sua opinião. Mas, muitas vezes, ele não precisa da leitura do texto para responder. a questão, de tão pessoal e aberta que ela é. Essas não são práticas que priorizam a criticidade. E,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.(FREIRE, 1981, p.11)

Para nós, o projeto “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio” constitui-se em um importante instrumento para a concretização dessa nova visão de leitura, por desenvolver nossa consciência sobre nossas ações pedagógicas enquanto exercício de cidadania, o que nos levou a fornecer aos nossos alunos instrumentos eficazes para torná-los leitores mais críticos, não só de textos, mas do mundo que os rodeia. Por uma questão de justiça, registramos que o jornal do dia, que os alunos receberam uma vez por semana e sem nenhum custo para eles ou para nosso estabelecimento de ensino, foi um instrumento de leitura competente para instigar o gosto e o prazer em ler. É claro que o jornal Tribuna do Norte (de Apucarana/PR) tem interesse de criar o hábito de leitura do seu jornal e nós – professores apucaraneses também temos esse interesse em comum. Portanto, foi uma parceria muito produtiva.

Como afirma Kleiman (1995), para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura; uma atividade árida e fria de decodificar palavras, que é indevidamente chamada de leitura em sala de aula, na realidade, não é leitura, mesmo que seja tradição escolar.

Novas concepções sobre linguagem, sobre ensino–aprendizagem, sujeito–aluno e sujeito–professor conduzem a novas concepções sobre o ato de ler.

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2005, p.18)

A autora supra-citada faz o comentário transcrito em um contexto no qual refere-se ao quadro de Renoir, *La Liseuse*: a mulher e seu livro. Essa pintura evoca a entrega total da leitora em sua atividade sem considerar o mundo ao seu redor; inclusive no entorno dessa mulher não existe nada, apenas sombras e cores, o que pode sugerir não haver uma interação entre autor, leitor e sociedade. No entanto, para se conseguir esta interação entre estes três elementos, há que se considerar as condições sociais de acesso à

leitura. Soares (2005) mostra-nos que a leitura é vista de forma diferente conforme a classe social, pois a cada uma há uma necessidade intrínseca. Pesquisas demonstraram que enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação dos horizontes, as classes dominadas a vêem como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho.

Em suma, como vida escolar e extra-escolar não são incomunicáveis (pelo contrário, possuem íntimas relações), para propormos em sala de aula um trabalho com a leitura não podemos ignorar que é evidente a força determinante que tem a estrutura social sobre a leitura. Esta problemática, divisão de classes econômicas, afeta as condições discriminativas de produção, distribuição e consumo dos bens materiais, dentre eles, o acesso à leitura de jornais e mesmo a valorização desse patrimônio cultural.

Segundo Bellenger (apud Kleiman, 1995, p.15), a leitura se baseia no desejo e no prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. /esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler muitas vezes é trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.

Para o sucesso das ações pedagógicas, é necessário– primeiramente, respeitar os estágios de maturação do aluno; isto ocorre também no que se refere ao desenvolvimento da capacidade de ler e escrever, pois, muitas vezes, desde o início do primeiro ano do Ensino Médio, é cobrado um comportamento de aluno–letrado, não se aceitando marcas da oralidade e esperando bons textos dissertativos, sem considerarmos que o processo de letramento é lento, contínuo e de responsabilidade nossa. Dessa forma, estamos trabalhando em uma simulação, não investimos, bloqueamos o desenvolvimento e a aprendizagem, remamos contra o objetivo. O

letramento envolve a apreensão do mundo criado, o que se dá pela linguagem escrita. Se os textos ofertados não instigarem a reflexão sobre emoções e fatos do mundo real, eles não servem para a vida, sejam eles jornalísticos, literários ou de qualquer outra esfera da atividade humana.

Preocupados com estas ações, pensamos que se criássemos um programa de leitura livre em que o aluno fosse à biblioteca da escola para ler o que quisesse e sem cobranças fizesse suas escolhas (conforme suas preferências mas apoiadas em um conhecimento prévio), estaríamos permitindo que entrasse em contato com um universo textual amplo e diversificado. A mesma inocência possuíamos, quando começamos a estudar a possibilidade de adoção do jornal como uma das ferramentas do ensino de língua materna. Pensávamos que, favorecer o acesso ao jornal, já seria um incentivo à leitura do mesmo e que poderíamos deixar essa atividade “correr livre, ao gosto do freguês”, como forma de conquistá-lo para ler com o fim de se manter atualizado.

Nos encontros de orientação do PDE e nas reuniões do projeto extencionista “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio”, passamos a desenhar um projeto educativo que buscava atender as características de uma ação pedagógica de natureza dialógica, em que o ensino é pensado para desenvolver o hábito de leitura de forma interativa. Buscamos realizar uma prática interlocutiva, desenvolver atividades em sala de aula à luz da concepção interacionista de linguagem, considerando que toda produção e recepção de um texto ocorre em situações de interação. Na busca por maior qualidade de ensino, procuramos dar sentido ao aprendizado como meio de combater a conhecida “crise de formação de leitores”. Para lograr tal objetivo, não podíamos eternamente conceder tempo para a leitura livre, foram indispensáveis domínios de metodologias, procedimentos educativos planejados. Essas ações visaram a otimização das práticas de leitura, da escrita, da oralidade e da análise lingüística.

A prática de leitura é um processo de produção de sentido que acontece entre texto e leitor, ou seja, é o leitor que constrói o seu conhecimento de mundo através de uma atividade dialógica estabelecida no caso do nosso projeto, principalmente, através do jornal.

Na prática de escrita sempre priorizamos as condições de produção de um texto, a saber: quem escreve, o que, para quem, por que, quando, onde e como escreve. Estas condições são determinantes de um texto eficaz. Em nossas salas de aulas, a produção de texto procurou envolver uma interação entre os alunos e aluno/professor e perpassou os seguintes momentos: motivação para produzir o texto, a reflexão sobre o tema, observações das características do gênero textual e sobre o estilo de linguagem a ser adotado, o ato de redigir, a revisão textual, a reestruturação ou reescrita em busca da melhor forma de expressão, a publicação da versão final (com o texto circulando entre os próprios alunos e, com isto, provocando maior interação deles entre si e deles com a palavra escrita).

Por meio da prática da oralidade buscamos a valorização de todas as variantes lingüísticas e, conseqüentemente, combatemos o complexo de incompetência lingüística. Esta realidade foi trabalhada nas seguintes situações orais: debates, discussões, seminários, transmissão de informações, troca de opiniões, defesa de ponto de vista, contar histórias, representação teatral, relatos de experiências, entrevistas... Estas situações foram encaminhadas a partir da leitura do texto midiático.

Na análise lingüística foi necessário dar um tratamento diferenciado ao “erro”. Em outras palavras, esta professora deixou bem claro que há dois níveis de linguagem (formal e informal), cada um é mais adequado a uma situação específicas, e que as aulas de língua portuguesa são mais uma oportunidade do aluno apropriar-se de um nível formal em suas atividades de leitura, escrita e oralidade; nível formal este que marca da linguagem jornalística e é um dos fatores decisivos para a utilização do jornal em sala de aula.

TEXTO - INTERTEXTUALIDADE - DIALOGISMO

O texto midiático é o principal instrumento para a realização do nosso projeto de leitura, fato que requer uma percepção clara do que é o

texto. Consideramos as concepções divulgadas pelas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa:

Na linguagem, o homem se reconhece humano, interage e troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e percebe o seu papel como participante da sociedade. A partir desse caráter social da linguagem, Bakhtin e os teóricos do Círculo de Bakhtin formulam os conceitos de dialogismo e dos gêneros discursivos, cujo conhecimento e repercussão suscitaram novos caminhos para o trabalho pedagógico com a linguagem verbal, demandando uma nova abordagem para o ensino de Língua. (DCE, 2006, p.20)

Segundo uma concepção Bakhtiniana, a utilização da língua realiza-se em forma de enunciados, refletindo as condições específicas e as finalidades da atividade humana. O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são elementos incorporados no enunciado e são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Dessa forma, qualquer enunciado é gerado por meio de um dos gênero discursivos utilizados na língua. Essa perspectiva Bakhtiniana mostra que o gênero não aprisiona os textos em determinadas propriedades formais, os gêneros são '*relativamente estáveis*' porque compreendem a mobilidade, a dinâmica, a fluidez, a imprecisão da linguagem.

O texto é portanto, visto como lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursivos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. (DCE, 2006, p.21)

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) informam que, ao longo da trajetória dos estudos lingüísticos, o texto passou por uma série de transformações, conforme as perspectivas adotadas em cada momento histórico.

Na segunda metade dos anos 60, o texto era visto como uma entidade abstrata, "signo lingüístico primário" (Hartmann, 1968, apud. Kock, 2007), a unidade mais alta do sistema lingüístico, cujos elementos e regras caberia à Lingüística Textual determinar.

No segundo momento, compreendendo a década de 70, ocorreu a “virada pragmática” (Koch, 2004), modificando e ampliando o conceito primitivo de texto, por influência de teorias de ordem enunciativa.

Os anos 80, caracterizaram-se pela incorporação, nas pesquisas em Lingüística Textual, dos mecanismos, processos, estratégias de ordem cognitiva responsáveis, pelo seguimento textual e pela construção dos sentidos.

Uma grande transformação ocorreu a partir dos anos 90, quando da aceitação do Sociocognitivismo e do Interacionismo Bakhtiano. O texto passou a ser visto como:

... lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto , em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece... conteúdo histórico e social, extremamente complexo e multifacetado... (Koch, 2002, p.9)

Respaldados pelo arcabouço teórico da Lingüística Textual, torna-se inviável impossível trabalhar o texto (midiático ou não) sem considerar o fenômeno da intertextualidade e a dimensão dialógica da linguagem. O texto não pode ser compreendido nos seus limites formais, deve haver uma interação entre autor e leitor e essa relação é mediada por textos já lidos, por discursos previamente captados.

Sobre o dialogismo, Faraco (apud DCE, 2006, p.21) observa:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material lingüístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido que geram significado responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas

É nessa dimensão dialógica, discursiva, intertextual, aberta a toda sorte de contágio, que a leitura deve ser experienciada, desde a alfabetização, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Esaduais. (DCE, 2006)

Sobre Intertextualidade, Koch (2007, p.17) afirma:

... ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade, é necessário que o texto remeta a outros fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação.

Faria (1996) acentua que “não existem jornais neutros, nem tampouco informações puras, uma vez que a verdade dos jornais é sempre uma verdade relativa, porque é permeada pela ideologia ou pelos interesses específicos de seus proprietários”. Ao ler, vamos analisando o fio textual, compreendendo as amarras dessa tecitura.

O JORNAL, NOSSA VALIOSA FERRAMENTA

A escolha do jornal como suporte pedagógico para o desenvolvimento desse projeto permite-nos uma viagem no tempo para conhecer sua origem e o seu percurso histórico, buscamos conhecer as intenções do início de seu surgimento até as intenções de mantê-los nos dias de hoje.

Evidentemente, muito antes de Johann Gutemberg inventar a prensa, nos anos de 1447, o homem já se comunicava através de gestos, sons, palavras, discursos orais e manuscritos. Porém, a criação dessa máquina intensificou o intercâmbio de idéias e a disseminação do conhecimento em uma época que se definiu como o Renascimento Europeu e na qual se inaugura a era do jornal moderno. Inicialmente, boletins informativos, que chegavam até comerciantes com notícias de interesse sobre o mercado. Muitas vezes, traziam também notícias sensacionalistas.

Em 1556, o governo veneziano publicou o *Notizie Scritte*, pelo qual os leitores pagavam com uma pequena moeda conhecida como “gazetta”.

Na primeira metade do século XVII, os jornais começaram a surgir como publicações periódicas e frequentes. Os primeiros jornais modernos foram produtos de países da Europa Ocidental, como a Alemanha (que publicou o *Avisa Relation oder Leitung* em 1609), a França (*Gazette* em 1631), a Bélgica (*Nieuwe Tydingen*, em 1616) e a Inglaterra (o *London Gazette*, fundado em 1665). Esses jornais traziam, principalmente, notícias da Europa. Só na segunda metade do século XVII os jornais começaram a focalizar assuntos mais locais. E, em meados do século XIX, tornaram-se o principal veículo de divulgação e recebimento de informações. Mais especificamente o período entre os anos 1890 e 1920, foi conhecido como anos dourados da mídia, devido aos grandes impérios editoriais que foram construídos.

Paralelo a este desenvolvimento do jornalismo, houve também o crescimento do rádio, do telégrafo e da televisão. Em todos os momentos sempre houve a necessidade de adaptação do jornal às novidades da sociedade e aos avanços tecnológicos na área da mídia. Desse modo, o saber presente na sociedade manteve-se difundido pelos meios de comunicação.

Os avanços tecnológicos geram e continuam gerando novos desafios e oportunidades para a mídia tradicional. Nunca houve tantas informações disponíveis para tantas pessoas. Pesquisas apontam que, nos anos 90, havia cerca de 700 sites na internet; hoje se contam aos milhares. Mesmo assim, os jornais continuam sendo um veículo popular e poderoso no relato e análise dos eventos que afetam nossas vidas, um canal formador de opinião. A Associação Mundial de Jornais (WAN) calcula que um bilhão de pessoas em todo o mundo lêem um jornal todos os dias.

O leitor instrumentaliza-se e passa a produzir movimentos de aquisição de novos hábitos de leitura, distintos dos comumente usados. O valor da mídia impressa orienta esses movimentos e sustenta um novo hábito de interação com o sujeito ativo e com o outro, permitindo o estabelecimento de relações com o mundo pelas informações veiculadas e pelas

análises apresentadas (PAVANI, JUNQUER, CORTEZ, - 2007,p. 18 – 19)

O jornal, portanto, não é um produto que supõe apenas consumidores, mas sim, leitores. Ser leitor, como já afirmamos nesse artigo, está além da capacidade de decodificar palavras, pois exige a capacidade de atribuir significado, de processar criticamente as informações. Para Foucambert (apud TAMAROZZI e COSTA, 2007, p. 133)

Aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade, Lê-los é procurar as respostas às perguntas que nos fazemos, as quais supomos estarem respondidas de alguma forma nos textos. Lê-los significa mobilizar tudo que já sabemos, sobre a pergunta e sobre as possíveis respostas, sobre o funcionamento da escrita, para reduzir o espaço do que ainda é incompreensível.

E, a partir da leitura crítica do jornal é possível instigar o aluno a formar novos conceitos e a pensar de modo mais crítico não apenas sobre o assunto que lê, o que representa, mas até mesmo sobre suas posturas diante dos fatos. Esta metodologia tem a função de colocar o termo cidadania em prática, o que pode mudar significativamente a sociedade brasileira, em busca de uma verdadeira democracia. O objetivo da educação é a formação do cidadão como um agente social de mudança.

Considerando esta função da educação, a Associação Nacional de Jornais – ANJ pronuncia-se:

Entende que as instituições democráticas e o progresso econômico e social de um país não se sustentam sem que crescentes parcelas de sua população assumam sua plena cidadania. Para que um brasileiro atinja a condição de cidadão, é preciso que ele seja uma pessoa informada, dotada de espírito crítico e sentido ético. (ANJ apud TAMAROZZI e COSTA, 2007, p. 135)

Com base nessas idéias, não temos dúvidas quanto às vantagens da proposta de se trabalhar com leitura de jornais no Ensino Médio, sem desprezar outros suportes, pois eles se somam, se complementam.

O Jornal é um “inventário” da realidade, um veículo que divulga análises, comenta e até mesmo expõe possíveis soluções para problemas locais ou globais, ele pode contribuir para despertar nos alunos, cada vez mais, o interesse e a vontade de uma participação efetiva na transformação para melhor da realidade em que vivem.

UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

O mundo passa diariamente pelos nossos olhos através dos meios de comunicação de massa e estes não atuam apenas de maneira persuasiva, mas também nas atividades cognitivas, que podemos entender como conjunto das conseqüências sobre os conhecimentos publicamente compartilhados por uma comunidade. Dessa forma, os meios de comunicação também educam, pois transmitem conhecimentos e insistam condutas. Além disso, a mídia conduz ao aceite de novas normas de moralidade, de estética e de comportamento. Internalizamos tendências veiculadas pela mídia e as exprimimos em nossas atitudes, valores e decisões. Portanto, utilizar o jornal para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, acreditamos que seja um recurso de promoção e resgate da cidadania, desde que aconteça uma reflexão sobre o lido e haja interação entre professor-aluno e texto-leitor. Assim foi pensada a realização desse subprojeto “Capa e Opinião nas páginas do jornal”, enfocando a leitura de textos midiáticos em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado, da cidade de Apucarana.

Participaram desse projeto trinta e cinco alunos com a idade entre 14 a 17 anos. Iniciamos no mês de fevereiro e o desenvolvemos durante todo ano letivo. As aulas eram de 50 minutos e aconteciam quinzenalmente, apesar de em alguns momentos ter sido necessário ampliar o tempo, continuando a proposta em outras aulas, devido ao interesse da turma e a própria necessidade da dinâmica. Reafirmamos que um ponto muito relevante no ótimo desenvolvimento desse projeto foi a parceria com o jornal: Tribuna do Norte, responsável pelo “Projeto Vamos Ler”, que atende a cidade de Apucarana e região. Em síntese, Vamos Ler consiste em entregar uma vez por semana o jornal do dia para os alunos de 4ª e 5ª

séries das escolas municipais e estaduais, ação que conta com a colaboração de alguns patrocinadores, empresários de Apucarana. Por entender o valor da leitura no Ensino Médio e considerando que estes alunos podem ser, alguns já o são, leitores do específico jornal. A nosso pedido esta empresa jornalística aceitou estender a entrega de jornais também aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, participantes do nosso projeto. Por esta razão, o trabalho de leitura de jornal passou a acontecer todas as semanas, porque mesmo nem sempre a docente não direcionando as atividades de leitura, todas as quintas-feiras recebíamos o jornal e a leitura era imediata, cada qual analisava a capa e já iam em busca das informações que mais chamavam a atenção.

Se é necessário considerar que hoje a indisciplina e o desinteresse pela leitura é um fato presente no ambiente escolar, também é inegável que o aluno rejeita aquilo que não tem interesse para ele. A busca de motivação gera a indisciplina e separa o professor do aluno, transformando a sala, muitas vezes, em um campo de batalha.

Indisciplina é uma forma do aluno demonstrar sua desmotivação pelo ensino ofertado, ou porque não vê perspectiva para o seu futuro ou sentimento nas atividades presentes ou ainda porque vê seu passado, sua trajetória pessoal sendo subestimada.(GONÇALVES, 2004)

Diante dessa consideração, o jornal como suporte pedagógico foi de grande ajuda para motivar os alunos para a leitura, porque eram notícias “quentinhas” que chegavam até eles e que estavam muito próximas de nossa realidade. Assim, o jornal foi uma valiosa ferramenta para sensibilizá-los para a realização do projeto de leitura e de outras atividades interativas, como era o nosso propósito.

A maioria desses nossos alunos, como já participaram do Projeto “Vamos Ler” na 5ª série, já conheciam bem a estrutura desse veículo de informação, por esta razão, começamos a estudar o histórico do jornal, sua origem e sua real utilidade social desde o início das aulas com esse suporte. Com o intuito de aprimorar conhecimentos sobre a história da mídia impressa e sua realidade atual, proporcionamos uma visita dos alunos ao

Jornal Tribuna do Norte afim de conhecermos as novas técnicas em uso e questionamos mais sobre os avanços da imprensa jornalística em geral e daquela empresa em particular. Atividade extra-classe que aproximou professora e aluno em busca de um mesmo ideal.

Em um segundo momento, apresentamos os vários gêneros textuais que compõem o jornal; mostramos que, ao lermos o jornal, temos contato com vários gêneros discursivos. A capa do jornal pode ser considerada também um gênero textual, por ter características pré-determinadas.

Destaquei que “os fatos e imagens cotidianas noticiados na primeira página do jornal, constituem em convite ao olhar do leitor, (...) é uma verdadeira vitrine, repleta de mosaicos de informação” (PAVANI, JUNQUER, CORTEZ, 2007).

Em seguida, direcionei a leitura para que os alunos descobrissem que os textos se relacionam no jornal. São diferentes gêneros que se comunicam. Como exemplo, trabalhamos as correlações entre notícia e carta do leitor.

Apesar do jornal ser o nosso instrumento pedagógico por excelência, utilizamos também outros textos midiáticos advindos de revistas, para enriquecer o conhecimento dos alunos, desenvolver seu vocabulário e capacidade de interpretar a leitura. Na medida que o jornal provoca a leitura, seu principal papel, essa ação relaciona-se diretamente com a ampliação de conhecimento com a representação escrita do mundo e fornece subsídios para uma atuação social mais crítica e dinâmica. Portanto, trabalhamos também a produção de textos jornalísticos; elaboramos notícias, escrevemos cartas do leitor, redigimos editoriais, produzimos reportagens. Esse conjunto de atividades visou, em um futuro próximo, iniciar a produção de um jornal.

Como o jornal não traz apenas notícias sensacionalistas ou comerciais, mas corrobora para formação do cidadão, sempre apresenta matérias temáticas que podem ser enriquecidas com o trabalho pedagógico de sala de aula. Não perdemos a oportunidade de realizarmos leituras, debates e produção de painéis temáticos sobre meio ambiente, família, política, valorização da vida, entre outros temas que o jornal noticiou e a

escola ampliou conhecimentos e gerou melhor formação a partir da informação.

Várias atividades com o léxico foram realizadas, visto que muitas vezes o jornal traz um vocabulário que o aluno desconhece, principalmente no editorial, o gênero mais trabalhado no decorrer do projeto. Dando seqüência às atividades, enfocamos também as tiras jornalísticas, as charges e o fotojornalismo. A leitura de imagens é tão necessária, pois convivemos diariamente com a imagem e consideramos ser fundamental que o aluno tivesse uma visão ampliada do que via a sua frente e, por vezes, não enxergava.

Ao chegarmos ao final do percurso desse projeto, programamos juntamente com o nosso parceiro Tribuna do Norte, um encontro cultural com os técnicos do jornalismo (fotógrafos, repórteres, chargistas, jornalistas e outros) para enriquecer ainda mais o nosso conhecimento sobre o jornal. Foi uma grande festa esta interação entre os alunos e os produtores do jornal, onde ouviram e puderam expor suas dúvidas sobre a leitura desse suporte e assuntos afins. Este evento aconteceu durante um dia todo e foi notícia no jornal da cidade, divulgando mais uma vez o trabalho realizado, visto que já foi editado naquele jornal outras matérias sobre o desenvolvimento desse projeto bem sucedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que seja possível afirmar que nessa viagem até a informação e ao conhecimento, o jornal foi um dos melhores veículos. Possibilitou entender o presente, tomando conhecimento dos acontecimentos atuais, e motivou o desejo de construirmos um futuro melhor, construindo a nossa história como leitores assíduos e cidadãos críticos. A leitura do jornal é uma ferramenta poderosa que temos para capturar, para seduzir, para convencer a pensar sobre o nosso mundo social. Hábito que, pouco a pouco, induz a reflexão sobre o nosso mundo

peçoal, particular, interior e, conseqüentemente, nos ajuda a sermos mais humanos.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul: Educs, 2004

BARBORA, Jacqueline Peixoto. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: relatar notícia. São Paulo: FTD, 2001

COSTA, Sílvia. **Jornal na educação**: considerações pedagógicas e operacionais. Santos: S.C.P., 1997

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005

GONÇALVES, Lídia Maria. **Do leitor ao Leitor: um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no Ensino Fundamental**. Tese de Doutorado defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1995

KOCK, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário; Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artimed, 2002

PARANÁ (Secretaria de Estado da Educação do Paraná), 2006. **Diretrizes Curriculares Estaduais: Língua Portuguesa**. Curitiba: Imprensa Oficial. 46p.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Ângela; CORTEZ, Elizena. **Jornal**: uma abertura para educação. Campinas: Papyrus, 2007

SILVA, Ezequiel Theodoro (ORG). **O jornal na vida do professor e no trabalho docente**. São Paulo: Global, 2007

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A produção da leitura na escola**: pesquisa x propostas. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Fundamentos metodológicos em EJA II**. Curitiba: IESD Brasil, 2007

ZILBERMAM, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (ORG). **Leitura, perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005